

O OURO DOS ESPÍRITOS – TRADIÇÃO E ESPERANÇA NO IMAGINÁRIO PARAGUAIO

The Spirit's Gold - Tradition and Hope in the Paraguayan Imaginary

Andriolli de Brites da Costa*

Resumo: A partir de notícias envolvendo consequências trágicas da busca por tesouros enterrados no Paraguai, buscamos na atualidade do relato midiático rastros para compreender a constelação das imagens que dá forma à narrativa mítica de Plata Yvyguy. Por meio de uma leitura simbólica, orientada metodologicamente pela Teoria Geral do Imaginário, buscamos no próprio mito o condutor do percurso histórico-simbólico-cultural desta narrativa que permanece viva e inspirando ações concretas. Identificamos pela redundância de imagens ligadas ao enterramento, morte, espíritos guardiões e merecimento, aspectos identitários atravessados pelas agruras do passado, desejo de validação e reconhecimento pela tradição.

Palavras-chave: Imaginário, Mito, Ouro, Paraguai.

Abstract: Regarding news involving the tragic consequences of the search for buried treasures in Paraguay, this article finds in the topicality of the media footmarks to be followed in order to understand the constellation of images which form Plata Yvyguy's mythical narrative. Through a symbolic reading, with the General Theory of the Imaginary as our method, we've found in the myth itself the conductor of the cultural, historical and symbolic pathway of this narrative which remains alive and inspiring concrete actions. We've identified through the redundance of images related to burial, death, guardian spirits and worthiness, identity aspects crossed by the sorrows of the past, validation desire and folklore acknowledgment.

Keywords: Imaginary, Myth, Gold, Paraguay.

Introdução

No Paraguai, narrativas populares envolvendo a existência e a busca por tesouros enterrados atravessam a história do país. Ganham especial força com os traumas da Guerra contra a Tríplice Aliança (1864-1870), mas ainda hoje inspiram sonhos e esperanças no povo. A organização dessas imagens simbólicas que relacionam Terra, Ouro e Morte (tanto pelos horrores implícitos da guerra quanto pelo ato do enterramento) se constelam na forma de um *sermo mythicus* - uma narrativa mitológica - que inspira no povo paraguaio ações concretas. Explorações urbanas, escavações, invasão de propriedade, violação de patrimônio público. Tudo em busca do ouro prometido pelas lendas.

Existe, entretanto, um impeditivo. A tradição conta que as fortunas embaixo da terra, mais conhecidas no Paraguai pelo nome Guarani de *Plata Yvyguy*, só podem ser retiradas por pessoas "escolhidas". Os responsáveis pela escolha são espíritos guardiões, capazes

* Doutor e Comunicação e Informação pela UFRGS, mestre em Jornalismo pela UFSC. E-mail: andriolli_costa@hotmail.com.

de reconhecer no buscador de tesouros o coração puro e o conhecimento da ritualística necessária para executar a tarefa (ALCARAZ; AGUILERA; MARSAL, 2010, p. 77).

Por conta da materialidade das ações inspiradas pela lenda, encontramos na imprensa o *locus fecundo* para a circulação de um imaginário tão imbricado na sociedade paraguaia que não pode ser recusado nem mesmo por esta instituição que, também no Paraguai, se baseia em valores de objetividade e factualidade que rejeitariam por princípio a presença do lendário (COSTA, 2013).

Com isso em vista, este trabalho buscará na imprensa paraguaia a cobertura de um acontecimento derivado pela busca por *plata yvyguy*. Desta vez, não para apontar os modos como o jornalismo se apropria da narrativa mítica na sua cobertura. Perpassaremos por isso, é claro, mas isso já foi feito por nós anteriormente e não será o escopo do texto. Nosso objetivo neste artigo é o de *encontrar no próprio mito o condutor para um percurso histórico, simbólico e cultural do imaginário dos tesouros enterrados no país vizinho*. Ao entender o lastro historiográfico e as imagens simbólicas que constelam em torno dessa narrativa mítica, a partir de Medina, poderemos entender o mito como forma de Comunicação que permite melhor ouvir a “respiração do social” (2003, p. 67). Em nosso caso, da sociedade paraguaia.

Elegemos como meio para orientar este percurso a *Leitura Simbólica*,

ou Mitocrítica: ferramenta metodológica proposta por Gilbert Durand para fundamentar a Teoria Geral do Imaginário de vertente arquetipológica (2013). Inicialmente “vocacionada para captar e tratar os mitos e suas figuras patentes e latentes nos textos literários e poéticos” (ARAÚJO, 2014, p. 18), a leitura simbólica é ampliada para outros *corpus* de análise com o correr das décadas. O que a fundamenta é, justamente, a busca pela *redundância* de imagens que se repetem em textos culturais, de modo a compor um panorama sincrônico e diacrônico na análise da pregnância dos símbolos. E é a essa repetição de elementos que vamos nos ater para perseguir o mito que orienta as histórias de tesouros enterrados no Paraguai.

Selecionamos, para este fim, um caso emblemático. Na manhã do dia 03 de agosto, em Asunción, uma senhora de 83 anos de idade foi resgatada de um buraco com 5 a 7 metros de profundidade que havia em seu terreno. Identificada como Ignacia Malloró de Hube, a mulher veio a falecer ainda na ambulância. Ignacia vivia em situações precárias com o marido, Clemente Hube, que contou aos bombeiros que o poço havia sido feito meses atrás para a busca de tesouros enterrados.

Neste corpus de exploração, encontramos em veículos do mesmo conglomerado editorial, o *Grupo Nación de Comunicacion*, duas abordagens diferentes, mas complementares. No periódico de referência *La Nación*, o fato foi noticiado em uma matéria que recuperava informações do telejornal do grupo, com a manchete: *Fallece anciana tras caer en pozo realizado para buscar plata yvyguy* (“Morre idosa ao cair em poço feito para buscar tesouros enterrados”). Já no diário *Crónica*, jornal popular conhecido no país vizinho, a cobertura se deu em duas matérias que incorporam novas informações. A primeira, publicada no dia 04 de agosto, entrevistava o viúvo e trouxe suas aspas para o título: *“Sus cartas le dijeron que había algo”, he’i* (“As cartas lhe disseram que havia algo para ela”, afirma). No dia seguinte, o assunto repercutiu na editoria Tema do Dia, com o título igualmente declaratório: *“Si no es para vos, podés encontrar la muerte”* (“Se não for para você, pode encontrar a morte”). Na linha de apoio, a explicação vem na voz de um ex-caçador de tesouros, que garante: Os espíritos que guardam *plata yvyguy* não deixam que uma pessoa qualquer possa encontrá-la.

Primeiros olhares

Para que possamos empreender a leitura simbólica é preciso, inicialmente, um primeiro olhar sobre as matérias selecionadas para o corpus. A partir delas, encontraremos os elementos de redundância a serem investigados posteriormente. E não é sem motivo que fazemos essa seleção no jornal, este discurso sobre o

tempo presente, tanto em um veículo de referência quanto em um de viés mais popular. Assim, podemos ter em vista o quanto esse imaginário persiste nos dias de hoje e atravessa a sociedade que investigamos.

A força da lenda dos tesouros enterrados tensiona o jornalismo tradicional aos seus limites. Algo que persiste sempre que elementos fantásticos são introduzidos na cobertura factual. O fantástico, como nos lembra Todorov, está na hesitação (TODOROV, 1975, p.181). Ou o acontecimento se produziu realmente – e, portanto, pertence à realidade – ou está regido por leis que desconhecemos, pertencendo ao mundo da magia. Mas sobre este lugar de incerteza da fantástica popular, nunca se pode cravar sua existência ou inexistência. Se o tesouro não foi encontrado, é porque forças misteriosas o moveram – e não por nunca ter existido. Calcado em uma lógica moderna de verdade ou mentira, a imprensa clássica, quando se depara com este entrelugar, se vê deslocada. É como escreve Gonzaga Motta:

A presença do fantástico (ou de manifestação semelhante) leva os enunciados noticiosos aos limites do jornalismo, leva-os a distanciar-se da objetividade e derrapar para as subjetividades. É nessas fronteiras que o jornalismo parece ceder e abandonar sua racionalidade, submetendo-se à fábula e aos mitos, impregnando-se dos mistérios do inefável e dos absurdos (MOTTA, 2006, p. 10)

Quando em um periódico de referência, marcado por sua objetividade, a cobertura sobre *plata yogyuy* encontra seu lugar a partir dos fatos concretos. A lenda não é o centro do acontecimento; a centralidade está nas suas consequências (COSTA, 2013, p. 14). É o mesmo que observamos na matéria do La Nación: foca-se no acidente, na forma que o corpo caiu, em como foi resgatado e no depoimento dos bombeiros (FALLECE, 2020). A busca por tesouros é mencionada como causa motivadora, mas em nenhum momento questionada diretamente. Diante do inefável o jornalismo ignora as subjetividades para seguir com os procedimentos cotidianos.

O mesmo não acontece quando observamos um veículo popular como o Crónica. Como alerta Amaral, essa relação não se dá, necessariamente, por uma abordagem sensacionalista, mas sim calcada em outros modos de endereçamento que não aqueles dos jornais de referência (2006). No caso do Crónica, a audiência se vê nas suas páginas não apenas enquanto personagens das notícias, mas também no texto escrito (que incorpora diversas expressões Guarani) e nas crenças.

Na primeira matéria, fala-se que não se tratava apenas de um único buraco escavado a procura de ouro. A filha do casal admitiu que por todo o pátio haviam escavações anteriores que foram posteriormente tapadas, indicando uma insistência na busca. As janelas da residência, inclusive, eram tapadas para não permitir à vizinhança observar o que se passava na parte de dentro. O desejo de

encontrar o tesouro prometido era equivalente ao medo de serem descobertos tentando. Ao colher o depoimento do marido, encontramos o motivo para terem persistido tanto no seu intento. Em tradução livre, ele afirma: “Minha esposa era leitora de tarô e suas cartas sempre lhe diziam que aqui (na sala) havia algo para ela. Infelizmente ela nunca chegou a descobrir” (SU CARTAS, 2020).

Já na segunda, o acontecimento serve como gancho para expandir a discussão sobre tesouros enterrados. “Mito ou realidade”, escreve o jornal, a crença já havia custado muitas vidas no país (SI NO, 2020). Para introduzir à discussão no debate público, Crónica convida uma fonte credenciada: José Rojas, que afirma ter dedicado vários anos de sua vida à procura de *plata yvyguy*. Mesmo sendo um jornal popular, a preocupação que o veículo manifesta no discurso direto é ligada à materialidade: escavações mal feitas podem levar a acidentes e óbitos. Quando as aspas se abrem, e vamos para o declaratório, é apenas na fala de Rojas que o elemento sobrenatural é acrescentado. Um artifício de isenção ainda presente, resquício da lógica da imprensa tradicional.

Na matéria, Rojas alerta: Se o ouro não é para você, os espíritos que guardam o tesouro não o deixarão carregá-lo. “Por isso digo que não é para todos, é preciso conhecer os sinais que se apresentam para que não se caia em desgraça” (SI NO, 2020). Dentre os sinais, uma série de preocupações tanto factuais quanto espirituais. Segundo o buscador de tesouros, a presença de um coelho branco ou uma árvore que pega fogo no local do enterramento são indicativos de que é preciso fugir rapidamente. O primeiro enquanto um agouro relativo à presença de assombrações; o segundo, supostamente, por indicar o vazamento de gás.

A quem os espíritos permitiriam a retirada do tesouro, afinal? A matéria explica que da crença em tesouros enterrados começou-se a derivar a lenda de que ele era destinado apenas às pessoas boas, com coração nobre. Rojas alerta também para uma ritualística: a busca deve ser sempre feita em múltiplos de dois. Caso o número de pessoas que trabalhasse na escavação fosse ímpar, ele terminaria em fracasso (SI NO, 2020).

Ao final, após explorar toda a experiência do entrevistado, o jornal termina por deixar claro o motivo pelo qual ele abandonou o ofício. Rojas relata que percebeu que a caça à tesouros havia se tornado um vício, que lhe tomava a cabeça e o fazia esquecer até mesmo da família. Era algo difícil de se abandonar, que exigia muito espiritualmente da pessoa. Ainda assim, não se mostra arrependido: “Vi de tudo e posso assegurar que em várias partes do nosso país existem tesouros escondidos. Gostei muito de fazer esta atividade que repito, não é para todos” (SI NO, 2020).

Leitura Simbólica

Tendo perpassado essa primeira leitura das matérias, podemos adentrar na leitura simbólica para, ao revelar as constelações de imagens organizadas nas narrativas de *plata yvyguy*, encontrar entrecruzamentos com a própria história paraguaia. Primeiramente, o que é esse fascínio tão intenso que fez com que Rojas deixasse de lado a própria família? Observando narrativas de tesouros enterrados em todo o mundo, percebemos que o desejo do enriquecimento fácil é mais forte que as convenções sociais e remete à infância e aos contos de fadas; ao pote de ouro no final do arco-íris. Histórias sobre a existência de fortunas escondidas permeiam o imaginário de povos e grupos em todo o mundo. São os despojos de corsários e piratas – cuja localização se descobre com mapas secretos; tesouros perdidos dos Incas, Maias e demais povos ameríndios ou mesmo a existência de cidades inteiras feitas inteiramente de metais preciosos, como a mítica El Dorado. O sonho de que há grandes recompensas aguardando para mudar a vida daqueles sortudos ou inteligentes o suficiente para encontrá-las cativa e seduz, tornando as lendas sobre o assunto extremamente difundidas e populares.

Os estudos antropológicos do imaginário nos ajudam a lançar os olhos sobre estas narrativas para buscar entender as ligações entre os elementos. Claro, encontrar uma fonte de riquezas é elemento de fascínio para qualquer um, mas nos relatos presentes nas matérias de jornal selecionadas encontramos outras redundâncias: o *enterramento*, a *morte*, os *espíritos guardiões* e o *merecimento*. Sem o arrançamento, a constelação destes elementos, que se espalham no espaço revelador do povo paraguaio, a narrativa mitológica de *plata yvyguy* não pode ser entendida de maneira completa.

É de se notar que há também materialidades que dão suporte à crença, formando este cimento social que une história, identidade e cultura. Rojas, por exemplo, quando alerta sobre os sinais de que é preciso evadir imediatamente cita dois elementos aparentemente contraditórios: um sobrenatural (o coelho branco) e outro factual (os gases tóxicos que supostamente causariam incêndio nas árvores). Um argumento revestido de cientificidade, mas que no escrutínio do relato mostra-se igualmente voltado ao sobrenatural. Segundo ele, os elementos químicos liberados podem não só causar a morte, mas deixar a pessoa louca, impedindo que usufrua dos tesouros. Uma ação indireta dos espíritos guardiões (SI NO, 2020).

A relação entre gases e fogo nos remete imediatamente ao fenômeno do fogo fátuo, cuja luminescência é resultante da queima da Fosfina resultante da decomposição de matéria orgânica. Ele ajudaria a explicar a relação com luzes, chama e

espírito. No entanto, se o fogo-fátuo é um catalizador deste imaginário, é interessante perceber como a imagem do Ouro também está frequentemente constelado nestas narrativas. Richard Paine recorda que em algumas partes da Boêmia (atual República Checa), os camponeses acreditavam que uma luz azul flutua sobre a localização dos tesouros enterrados, invisível aos olhos dos mortais exceto para aqueles destinados a encontrá-los (PAINE, 1911, p. 10). O relato assemelha-se às versões encontradas no Brasil, onde uma chama fantasmagórica apareceria nas noites de lua indicando o local do enterramento das botijas de ouro. Em Portugal as chamas, conhecidas como *Alminhas*, seriam os espíritos daqueles que deixaram dinheiro enterrado e que não se salvarão enquanto o outro permanecer escondido. É também o *Farol dos Andes* na Argentina e Uruguai, um clarão que escapa dos esconderijos dos tesouros (CASCUDO, 2000, p. 145).

E o que nos encanta tanto a respeito deste ouro prometido? Claro, existe a promessa da riqueza. Mas o ouro é mais do que isso. O ouro é o motivo pelo qual os alquimistas tanto buscaram a pedra filosofal - substância da qual seria possível não apenas transformar metais inferiores em ouro, mas também produzir o elixir da vida eterna. E, em verdade, o ouro está intimamente ligado ao prolongamento da vida. Bachelard (2013) percebe no ouro, como um metal que não oxida, essa capacidade de enfrentar o devir do tempo e com isso resistir ao perecimento. E é muito disso que buscamos também.

O ouro germinaria dentro da terra, propõe Bachelard, amadurecendo “como uma trufa” em um processo de sedimentação de milhares de anos. Está ligado, portanto, não só a essa perenidade da terra, mas também à intimidade. À interioridade. Aquilo que vai para dentro do eu (BACHELARD, 2013, p. 197). Ainda assim, é ao ser gestado no interior da terra, envolto em escuridão, que o ouro ganharia seu brilho. Para Durand, o metal constela imagens de terra, luz e altura, possuidor das virtudes dilatadas do Sol (DURAND, 2012, p. 149). Luz e escuridão, terra e ascensão. É a tensão dos opostos que dinamiza as imagens.

Essa tensão é fundamental para entendermos o sentido simbólico de *plata yvyguy*. O próprio Durand, ao refletir sobre as contribuições do sociólogo das civilizações indo-europeias, Georges Dumézil, percebe que o ouro é “substância ambivalente, motivo de riquezas e causa de desgraças” (DURAND, 2012, p. 265). Vejamos por exemplo este trecho de Timão de Atenas, texto escrito por William Shakespeare em 1607:

Ouro amarelo, fulgurante, ouro precioso! (...) Basta uma porção dele para fazer do preto, branco; do feio, belo; do errado, certo; do baixo, nobre; do velho, jovem; do covarde, valente. (...). Venha, mineral execrável, prostituta vil da humanidade (...) eu o farei executar o que é próprio da sua natureza (SHAKESPEARE, 1913, p. 119).

Se por um lado o ouro é o sol, o dom divino, a eternidade, é também o vil metal, que corrompe e destrói. É ele que desperta o que há de melhor e de pior do ser humano, tanto na vida quanto na morte. Não por acaso o ouro frequentemente está ligado ao enterramento e a enterro, a fim de assegurar conforto e riquezas no além. Muitas vezes este ouro escondido é fechado num cofre ou caldeirão, e esses “acessórios habituais do tesouro lendário reforçam a polarização do ouro no seio dos símbolos da intimidade” (DURAND, 2012, p. 265).

Este é um ponto sobre o qual cabe atenção. Ao retomar nosso corpus, lembramos que a família de Dona Ignácia trazia a casa inteiramente cerrada, incluindo as janelas, de modo a esconder as ações que ali dentro se realizavam. Era parte do medo da fortuna prometida ser encontrada por outro, mas também diz muito sobre este ato íntimo de ir para dentro de si que o tesouro enterrado no espaço do seu lar simboliza. Ao mesmo tempo, há o convite para a partilha com um outro de confiança – neste caso o marido. A escavação, afinal, deve ser feita sempre em pares, nunca em número ímpar, lembra Rojas.

Por fim, chegamos a um os elementos fundamentais que constelam sobre o *Sermo Mythicus* de *plata yvyguy*: a morte. O acidente que pôs fim à vida de Ignacia Hube não é um caso isolado. Ao acompanhar por dois anos a cobertura de matérias sobre a busca por tesouros enterrados no Paraguai a partir do jornal *ABC Color*, encontramos em média um falecimento por mês motivado pelas ações dos buscadores (COSTA, 2013, p. 78). No entanto, esta presença constante ronda não apenas aqueles que procuram tesouros enterrados, mas também aqueles condenados a protegê-lo. E isto está na gênese, na conformação, dessa narrativa paraguaia.

Lastro histórico-simbólico de Plata Yvyguy

Como toda lenda, a crença da existência de tesouros escondidos no subsolo possui um pano de fundo histórico que lhe serve de sustentação. No Paraguai, a força desse imaginário vem com a construção das Missões. Algumas versões dizem que os jesuítas utilizavam a evangelização como desculpa para procurar ouro. Outras, que o monopólio da exportação da erva-mate, couro e tabaco que os jesuítas possuíam gerou as imensas riquezas de que tanto se fala.

Ocorre que em 1750, no entanto, Portugal e Espanha estabeleceram o chamado Tratado de Madri, que versava sobre os limites de suas colônias na América do Sul. Com a ordem da Coroa Espanhola os jesuítas foram obrigados a partir “com uma mão na frente e outra atrás”, sendo inclusive despedidos para que se averiguasse se levavam consigo ouro em suas vestes. Mas que tesouro seria esse? “Fala-se de uma quantidade muito grande, cerca de 27 toneladas de ouro, que estaria reunida em um único lugar” (COSTA, 2013, p. 55).

Mais tarde, ainda no País vizinho, é a Guerra contra a Tríplice Aliança que fará as histórias sobre enterramento se multiplicarem. E é neste período, pós 1870, que o termo *Plata Yvyguy* vai passar a ser utilizado para falar especificamente desta narrativa mítica. Relatos sobre isso estão inclusive na literatura militar, reforçando o que já dissemos sobre as materialidades que dão base para a crença. Durante as manobras de Guerra o exército brasileiro invadiu Assunção em 1869. Bem antes disso, no entanto, o general Solano López já havia evacuado a cidade. O general Dionísio Cerqueira, no livro de memórias do exército *Reminiscências da campanha do Paraguai*, relembra alguns destes episódios que presenciou na cidade.

Quando o exército entrou em Assunção, achou-a abandonada. Pouco a pouco foram aparecendo mulheres idosas, como que explorando. (...) De vez em quando, entrava uma pela casa de um oficial e pedia humildemente para levantar um tijolo ou cavar um buraco – e tirava uma panela com onças e patações (CERQUEIRA, 1980, p. 309).

Bonalume Neto (2004) cita um censo populacional realizado em 1870, indicando que 70% da população do país vizinho morreu na guerra, principalmente de fome e de doenças (p. 27), especialmente a população masculina, reduzida em 80%. Além do povo, o Paraguai também perdeu grande parte de seu território, sendo obrigado pelo Tratado de Paz (1872) a ceder ao Brasil os territórios entre o Rio Branco e o Apa. O evento povoou o imaginário paraguaio com uma série de mitos e lendas, no que Carvalho Neto identifica como o Ciclo da Guerra do Paraguai. Lendas das mais variadas sobre pessoas que faleceram na estrada retornando de batalhas e cujos espíritos passaram a auxiliar os paraguaios que pediam sua intercessão. Ou, pessoas que morreram protegendo o tesouro paraguaio e que agora precisam do auxílio dos mais novos para desencarnar (CARVALHO NETO, 1997. p.132).

Existem três principais versões para esta crença: a primeira que, devido à insegurança, a própria população enterraria suas economias para evitar que fossem confiscadas - pelo governo ou pelos invasores. A segunda é que a mulher de Solano López, Madame Lynch, teria escondido sua fortuna antes de ser exilada do país e esta permaneceria perdida até hoje, e, por fim, a terceira e mais famosa: a que fala da existência do Tesouro Nacional (ou Tesouro do Marechal).

Encontramos este registro em *Folklore del Paraguay*, de Dionisio Gonzalez-Torres. Nele, Francisco Solano López, presidente do país e general das tropas paraguaias entre 1862 e 1870, teria confiscado das famílias do país todas as suas economias, objetos de valor e libras esterlinas para manutenção dos esforços de combate, escondendo-as posteriormente com a iminência da derrota. O tesouro teria sido levado em numerosas carretas, acompanhada de escolta militar, na retirada para Cerro Corá. “Conta-se que as carretas que levavam este tesouro, quando a sorte do Marechal e seu povo estava selada, foram deixadas em uma

profunda fenda na cordilheira de Amambai, lugar que nunca pode ser encontrado” (GONZALEZ TORRES, 1995, p. 149).

Esse ouro, devido às mortes que causou, aos fantasmas da guerra ou mesmo a boatos de feitiçaria, estaria protegido por diversos espíritos que impedem o avanço dos buscadores de tesouro. Sapos, escorpiões, formigas atacam, na tentativa de fazer aquele que escava desistir de seu intento. O local do enterro é indicado por uma luz ou pela presença de um animal branco, normalmente um cachorro branco sem cabeça (GONZALEZ TORRES, 1995, p. 149). No relato de Rojas ao Crónica, este lugar é ocupado pelo coelho igualmente branco – mantendo a aparência etérea.

As mortes violentas envolvendo as histórias sobre tesouros enterrados ajudam a proliferar os relatos de que espíritos agressivos assolariam o esconderijo das fortunas ocultas. No Paraguai estas almas penadas recebem um nome, Porá, e representam os fantasmas revoltados presos a terra para resolver pendências do mundo dos vivos. No caso dos espíritos ligados a *plata yvyguy*, estes teriam sido enviados de volta à terra por Deus, para que possam entregar seus tesouros para pessoas de seu afeto ou merecedoras do prêmio. Somente desta forma poderão expurgar seus pecados e ingressar ao paraíso (ALCARAZ, AGUILERA, MARSAL, 2010, p. 77). É o ouro ambíguo, novamente, que convida para a ascensão solar, mas prende nossas almas ao mundo telúrico dos desejos terrenos e banais.

Há modos, no entanto, de superar mesmo as dificuldades de grandeza sobrenatural. Como propõe Cascudo, por toda a superfície da terra os tesouros, riquezas e cabedais estão esperando os felizes escavadores que tenham coragem e fidelidade aos tratos supra terrenos, desde que sigam certos procedimentos ritualísticos indispensáveis para o bom andamento da caçada. Tais práticas, quase que cerimoniais, seriam semelhantes em todo o mundo. O autor elenca algumas, tais como: “trabalhar de noite; ir sozinho em silêncio, identificar o tesouro pelos sinais sucessivamente deparados e, se conseguir arrancar o ouro, deixar uma moeda. Jamais carregar tudo” (CASCUDO, 2002, p. 676).

A ritualística espalhada na cultura popular inclui outras regras: Caso a pessoa olhe para trás um instante que seja, diga palavrões, ofenda os espíritos com gases e arrote ou - em última instância, - não tenha o coração puro, a tarefa será impossível. Os espíritos moverão o tesouro de lugar e nada será encontrado. Os perigos para o buscador de tesouros não se encerram com o desenterramento. Ainda é possível, de posse da fortuna, perder tudo. Gonzalez Torres sugere que, após uma escavação bem-sucedida, honrem-se os protetores do tesouro com uma missa ou novena dedicada às suas almas. Respeito é fundamental em todo o processo (1995, p. 150). Rojas, o caçador consultado pela entrevista, sabia bem disso e conseguiu, a partir conhecimento da tradição, manter-se vivo e escapar do chamamento do ouro.

Considerações finais

Ao refletir sobre as narrativas envolvendo a busca por tesouros enterrados no Paraguai, percebemos uma constante: os contextos em que as crenças se desenvolvem dizem muito sobre a relação do povo com este ouro lendário. No País, tendo em vista o panorama do pós-guerra, com a morte de seu chefe-de-estado, a dizimação de 80% da população masculina e boa parte da feminina, a destruição da infraestrutura e o grande endividamento, é fácil compreender a potencialidade do desejo de mudar de vida. De encontrar um pote de tesouro no fim do arco-íris que lhe livraria de todos os problemas. Mas é mais do que isso.

Desenterrar um tesouro, podemos ver, não é apenas obra do acaso ou de boa sorte. Não é o mesmo que ganhar na loteria, não é uma solução *ex-machina*. “São prêmios dados a um escolhido que deve demonstrar certas virtudes, como humildade, lealdade e principalmente coragem”, descreve Frederico Fernandes (2002, p. 46). Encontramos este elemento reforçado na fala de Rojas: o tesouro não é para qualquer um. É preciso não apenas ser eleito, mas reconhecer os perigos e dominar a ritualística da tradição. Acima de tudo, conservar o coração puro. É esta imagem do *Merecimento* do prêmio a última que compõe a constelação do *Sermo Mythicus* dos tesouros enterrados no Paraguai.

Quem consegue encontrar o ouro prometido é possuidor de virtudes e conhecedor da tradição popular que o cerca. É por isso que está sendo premiado e devidamente reconhecido, talvez não pelos vivos, mas pelos mortos. Seu reconhecimento se dá no âmbito do sobrenatural. As fortunas fantasmas são mitos da validação social, seja pela riqueza herdada, seja pela atestação do próprio imaginário. Buscamos o ouro para buscar a nós mesmos, para ir à intimidade do Eu - simbolizadas pelo interior da terra e as panelas e botijas que lhe servem de invólucro. Mas não o eu de agora, e sim um eu solarizado, escolhido, banhado em luz.

Todos queremos ser os escolhidos, aqueles que encontrarão a pedra filosofal. Se as cartas apontam este desejo, então, como no caso de Ignácia, é sinal de que falta apenas a materialidade para que o fato se desvele. Quando não conseguimos, certamente foi por que cavamos no lugar errado. Ou, pior ainda, por que os encantados trocaram o ouro de lugar. Resta, portanto, tentar outra vez, buscando incessantemente essa luz da aceitação - a chama encantadora que nos atrai como insetos para a lamparina. Um passo em falso, entretanto, e a chama queimará demais.

José Rojas sacrificou o contato com sua família; Dona Ignácia perdeu a vida. E na busca pela validação, escavando as entranhas do eu, corremos o risco de permanecer presos a esse ouro encantado maldito, eternamente à espera de alguém para nos libertar.

Referências

- ALCARAZ, Feliciano Acosta; AGUILERA, Domingo; MARSAL, Carlos Villagra. *Mitos y leyendas del Paraguay mestizo*. Asunción: Servi Livros, 2010.
- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ARAÚJO, Alberto Felipe. Da mitocrítica à mitanálise: um contributo metodológico em educação. In: ARAÚJO, A. F.; GOMES, E. S.; ALMEIDA, R. *O mito revivido*. A mitanálise como método de investigação do imaginário. São Paulo: Képos, 2014. p. 17-54.
- COSTA, Andriolli de Brites da. *A lenda nas páginas do jornal: A presença do imaginário no jornalismo a partir da cobertura dos tesouros enterrados no Paraguai*. 132 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/122980>. Acesso em: 16 ago. 2020.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BONALUME NETO, Ricardo. Tríplice Desafio. *Nossa História*, São Paulo, ano 2, n. 13, nov. 2004.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2002.
- CARVALHO NETO, Paulo de. *Folklore del Paraguay – sistemática analítica*. Asunción: Editorial El Lector, 1997.
- CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- CHÁVEZ-HERNÁNDEZ, Benito. *Tesoros ocultos*. México: Amate Editorial, 1999.
- DURAND, Gilbert. *De la mitocrítica al mitoanálisis*. Figuras míticas y aspectos de la obra. Barcelona: Anthropos, 2013.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FALLECE anciana tras caer en pozo realizado para buscar plata yvyguy. *La Nación*, 2020. Disponível em: <https://www.lanacion.com.py/pais/2020/08/03/fallece-anciana-tras-caer-en-pozo-realizado-para-buscar-plata-yvyguy/>. Acesso em: 16 ago. 2020.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: EdUNESP, 2002.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Notícias do fantástico: Jogos de linguagem na comunicação jornalística*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.
- SHAKESPEARE, William. *Timón de Arenas*. Trad. Henrique Braga. Porto: Livraria Chardron, de Leilo & Irmao, 1913.
- “SI NO es para vos, podés encontrar la muerte”. *Crónica*, 2020. Disponível em: www.cronica.com.py/2020/08/05/no-vos-podes-encontrar-la-muerte/. Acesso em: 16 ago. 2020.
- “SUS CARTAS le dijeron que había algo”, he’i. *Crónica*, 2020. Disponível em: <http://www.cronica.com.py/2020/08/04/cartas-le-dijeron-habia-algo-hei/>. Acesso em: 16 ago. 2020.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.